

**MATERIAL DIGITAL DE APOIO  
À PRÁTICA DO PROFESSOR**

Organização e coordenação pedagógica:

Maria José Nóbrega

ISBN 978-65-89990-04-8

LIVRO DO PROFESSOR

# MINHAS RIMAS DE CORDEL





# SUMÁRIO

© Valdeck de Garanhuns e Regina Drozina

## **CARTA AO PROFESSOR, 3**

Um breve perfil de  
César Obeid, o autor, **5**

Um breve perfil de  
Regina Drozina e  
Valdeck de Garanhuns,  
os ilustradores, **6**

Comentários sobre  
*Minhas rimas de cordel*, **7**

## **ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS PARA A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA, 8**

## **PROPOSTAS DE ATIVIDADES, 14**

Pré-leitura, **14**

Leitura, **16**

Pós-leitura, **21**

## **LER EM FAMÍLIA, 26**



# CARTA AO PROFESSOR

© Valdeck de Garanhuns e Regina Drozina

*Querida professora, querido professor,*

*Houve um tempo em que aprender a ler era aprender a decodificar palavras. Acreditava-se que tão logo as crianças conseguissem decifrar os sinais gráficos nos anos iniciais de escolaridade, como em um passe de mágica, já saberiam ler qualquer texto. Os sentidos eram frutos maduros que o leitor colhia. Estavam lá pendurados nas linhas...*

*Sabemos hoje que ler é uma atividade bem mais complexa, não é?*

*Os sentidos que o leitor atribui às histórias decorrem das relações que ele estabelece entre as informações do texto e suas crenças, valores, vivências, enfim, entre o texto e seus conhecimentos prévios. Por essa razão é que a leitura é um diálogo. Leitura não é apenas decodificação, é também compreensão e crítica. Ao apreciar o que o texto diz, o leitor é capaz de compreender; ao se posicionar em relação ao que é dito ou ao como é dito, o leitor é capaz de produzir crítica.*

*Como prática de linguagem, a leitura é tanto uma atividade cognitiva quanto social. É uma atividade cognitiva por envolver complexos processos mentais realizados pelo sujeito leitor, como levantar hipóteses, recuperar informações, estabelecer relações e inferências, sintetizar, refletir sobre o plano do conteúdo ou da expressão. É uma atividade social por implicar a interação que o leitor estabelece com o autor, mediado pelo texto em uma situação comunicativa em que esses sujeitos têm seus próprios horizontes de expectativas.*

*Ensinar a ler, portanto, não é apenas tarefa do professor alfabetizador. É tarefa de todos os educadores da educação básica, da escola inteira.*

*Neste material, pretendemos apresentar algumas possibilidades para você criar condições para as crianças interagirem, a distância, com César Obeid por meio de um cordel escrito por ele: Minhas rimas de cordel. Pretendemos ajudá-lo ainda a atuar como mediador de leitura, isto é, alguém que apresente o livro às crianças, criando as condições necessárias para que esse encontro seja feliz.*

*Para que isso aconteça, é preciso não esquecer que a leitura literária é uma prática cultural de natureza artística, que busca promover prazer, incitar a imaginação, estimular a apreciação da linguagem, a reflexão sobre o mundo, sobre quem somos e a vida que se leva. Ler um livro didático para estudar e aprender ou ler um jornal para se atualizar envolve modos de ler bem diferentes do que ler livros de literatura, não é mesmo?*

*Como diz o poeta, é chegada a hora de contemplar as palavras...*



© Valdeck de Garanhuns e Regina Drozina



Arquivo do autor

© Valdeck de Garamhuns e Regina Drozina

### Um breve perfil de César Obeid, o autor

César Obeid, nascido na cidade de São Paulo, é um fiel apaixonado pela cultura popular. Formado em Administração de Empresas pelo Mackenzie, em 1997, hoje dedica a maior parte de suas atividades à difusão da literatura de cordel e do repente de viola. Além de pesquisador da poesia popular em versos, é, ele mesmo, um cordelista, repentista e contador de histórias de cordel.

Autor de inúmeros cordéis para todas as faixas etárias, César Obeid ministra cursos de cordel para o público em geral e para educadores. Costuma apresentar seu trabalho como artista e educador em diversos projetos ligados ao Sesc, ao Sesi e às Secretarias Municipais e Estaduais de Cultura, além de escolas e faculdades. Para o teatro, escreveu e produziu dois espetáculos: *De repente, o cordel* e o infantil *A princesa e o quengo nas charadas do destino*, dos quais também participou como ator. É autor de *Rimas animais*, *Rimas juninas*, *Aquecimento global não dá rima com legal*, *Para ler, ver e ouvir - Histórias indianas do Pantchatantra*, *O cachorro do menino*, *Brincantes poemas*, *No país das bexigas*, *Tupiliques - Heranças indígenas no português do Brasil*, entre muitos outros títulos.

## Um breve perfil de Regina Drozina e Valdeck de Garanhuns, os ilustradores

Regina Drozina nasceu em Formosa do Oeste, no Paraná, mas ainda menina foi para São Paulo. Desde cedo, observava o trabalho de seu pai e logo começou a desenvolver suas habilidades manuais. Já crescida, estreitou sua relação com a arte trabalhando em espaços culturais, onde também conheceu seu companheiro, Valdeck de Garanhuns. Hoje, Regina trabalha com xilogravura, esculturas em madeira e isopor, entalha bonecos, além de criar figurinos para espetáculos de teatro.

Valdeck de Garanhuns nasceu na cidade de Garanhuns, em Pernambuco, mas logo se mudou pra Recife, capital do estado. Graças ao seu avô materno, desde menino teve contato com poesia e artesanato e logo tornou-se um artista múltiplo. Criou e dirigiu grupos de teatro e, além de ator, poeta, contator de histórias e compositor, é pedagogo e artista plástico reconhecido na arte do mamulengo e na xilogravura, com obras expostas em museus nos Estados Unidos e na Alemanha. Também é mestre em cordel e um grande entusiasta da arte popular brasileira.



© Valdeck de Garanhuns e Regina Drozina

## Comentários sobre *Minhas rimas de cordel*

César Obeid não é nordestino, mas mostra, em seu trabalho, desenvoltura na criação de versos de cordel para ninguém botar defeito.

Sempre com grande senso de humor, o autor nos apresenta, em primeiro lugar, uma série de versos em que brinca com conhecidos provérbios, sem nunca perder o ritmo. Em seguida, novas estrofes, dessa vez a partir de crendices populares, em que o medo de passar debaixo da escada ou de quebrar um espelho pode se transformar em poesia. Logo depois, o autor nos desafia com as suas adivinhas, algumas mais complicadas, outras mais simples, em que rima a pergunta para depois rimar a resposta. No final do livro, há mais um presente: a divertida história de uma velhota fofqueira, proveniente da tradição oral.

É fácil perceber que os versos de *Minhas rimas de cordel* foram feitos para ser declamados em voz alta. O autor, muitas vezes, se dirige aos leitores como um contador de histórias que se dirige ao público e ouve suas respostas.

O caráter popular desses versos fica evidente não somente pela sua estrutura de rimas de cordel, mas também pelos temas escolhidos pelo autor, todos ligados à cultura popular brasileira.

Estamos aqui, porém, diante de um trabalho que está longe de ser um estudo distanciado do folclore - o que temos é um autor que reinventa, com muito humor e graça, esse formato tradicional, à sua maneira.

Desejamos a você e à sua turminha de pequenos leitores uma boa leitura!

### QUADRO-SÍNTESE

**Gênero:** Cordel

**Palavras-chave:** cultura popular, folclore, tradição oral, provérbios, crendices, charadas, humor

**Componentes curriculares envolvidos:** Língua Portuguesa e Arte

**Competência Geral da BNCC:** 3. Repertório cultural

**Tema:** Diversão e aventura

**Público-alvo:** 4º e 5º anos do ensino fundamental (categoria 2)

# ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS PARA A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA

A leitura é um processo de interação entre o texto e o leitor. Para atribuir sentido aos textos, os leitores não ativam apenas *conhecimentos linguísticos* (o vocabulário, a gramática da língua), mas também *conhecimentos extralinguísticos* (conhecimentos de mundo, enciclopédicos, históricos, culturais), que permitem compreender seus implícitos e subentendidos.

O sucesso do trabalho com a leitura nos anos iniciais depende, portanto, dos conhecimentos já construídos pelos pequenos leitores – iniciantes, em processo ou fluentes – para responder às dificuldades que enfrentam ao se relacionar com os diversos aspectos discursivos e linguísticos mobilizados pelos textos:

- |   |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"><li>• o <i>gênero</i> (por exemplo, uma novela, por sua extensão, pode ser mais complexa do que um conto);</li></ul>  |
| <ul style="list-style-type: none"><li>• a <i>seleção lexical</i> (a maior ou menor presença de vocábulos de uso pouco comum interfere no entendimento);</li></ul>   |
| <ul style="list-style-type: none"><li>• a <i>organização sintática dos enunciados</i> (frases curtas em ordem direta tendem a ser mais facilmente processadas do que frases longas em que há constituintes invertidos ou intercalados);</li></ul> |
| <ul style="list-style-type: none"><li>• a <i>temática desenvolvida</i> (a maior ou menor familiaridade com o tema é fator decisivo para a compreensão e interpretação);</li></ul>   |
| <ul style="list-style-type: none"><li>• a <i>explicitação das informações</i> (maior ou menor exigência para operar com o conteúdo que o autor pressupõe que o leitor domine influi nesse processo);</li></ul>                                    |
| <ul style="list-style-type: none"><li>• o uso de <i>recursos figurativos</i> (maior ou menor emprego de elementos conotativos interfere no número de inferências exigidas do leitor).</li></ul>   |



Para os anos iniciais do ensino fundamental, Nelly Novaes Coelho, especialista em literatura para crianças, separa os estágios psicológicos da criança em relação à leitura em três categorias de acordo com a faixa etária. São eles:



- **leitor iniciante** (6-7 anos): nesse estágio, as crianças estão se apropriando do sistema de escrita alfabética e, aos poucos, vão ampliando seu domínio das correspondências grafofonêmicas. Livros ilustrados com textos breves são indicados para a leitura autônoma.



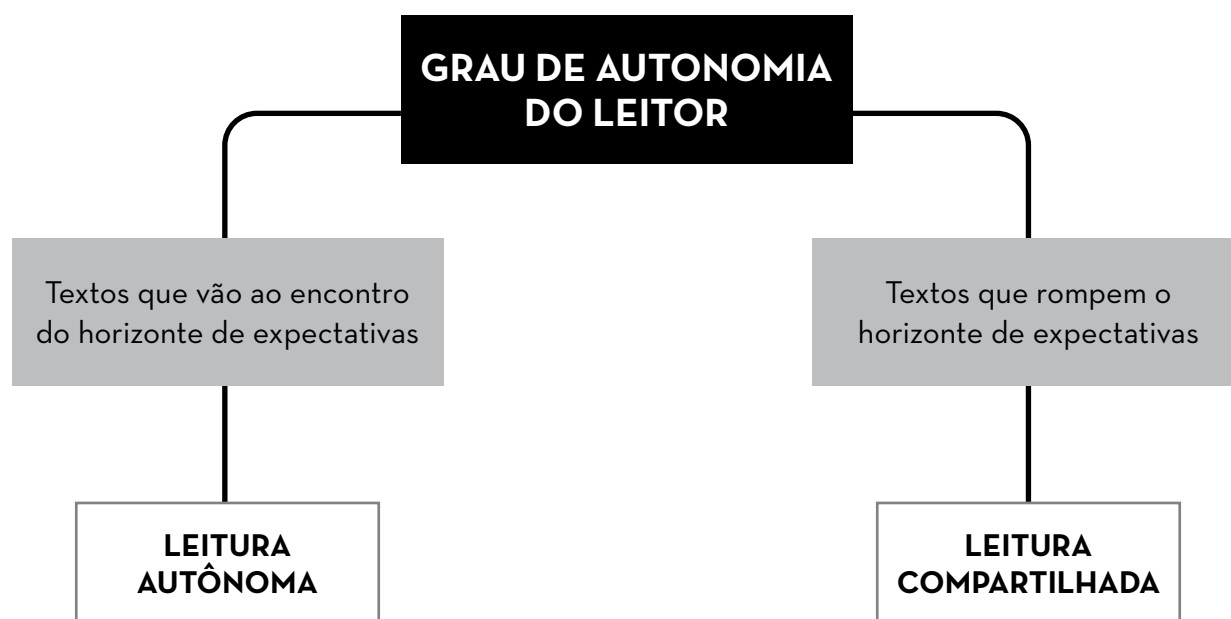
- **leitor em processo** (8-9 anos): nesse estágio, as crianças já compreendem o funcionamento do sistema de escrita. À medida que o processo de decifração se torna mais automático, podem apreciar os acontecimentos da história e refletir sobre ela. Para leitura autônoma, são indicados livros mais extensos em que haja diálogo entre o texto e as imagens.



- **leitor fluente** (10-11 anos): nesse estágio, as crianças leem com maior fluência, reconhecem diferentes gêneros e suportes textuais e já têm suas preferências literárias. Para leitura autônoma, podem ser indicados livros mais longos, com linguagem mais elaborada. Embora continuem apreciando as ilustrações, não dependem tanto delas para entenderem o texto.

Desse modo, o grau de autonomia dos pequenos leitores coloca limites claros para o tratamento que determinada obra pode receber. É por essa razão que não se recomenda a leitura de uma obra complexa em uma situação de *leitura autônoma*, isto é, aquela em que a criança lê sozinha. Em geral, para essas situações, sugerem-se títulos que vão ao encontro de seu horizonte de expectativas. Ao ler autonomamente, o leitor percorre o texto com os olhos, linha após linha, decifrando os sinais gráficos, formulando hipóteses provisórias até encontrar um sentido aceitável com base no que já leu, em seus conhecimentos linguísticos e discursivos e nas estratégias de leitura que domina. Se o sentido não está de acordo com o que havia compreendido, retrocede ou avança no texto até esclarecer a inconsistência. Se o sentido obtido soluciona o problema, é assimilado ao anterior, resultando em uma síntese mental do texto.

Porém, para que mobilize capacidades de leitura cada vez mais complexas, é preciso que também possa ter contato com obras que rompam esse horizonte, encarando o desafio de ler livros de maior complexidade. Para situações como essa, recomenda-se a *leitura compartilhada*, isto é, uma atividade social em que o texto é lido pelos educadores ou familiares com as crianças. A leitura compartilhada favorece a reflexão e a discussão dos textos lidos. É um momento dedicado à troca de impressões e de opiniões, à apreciação do plano do conteúdo (o que o texto diz) ou do plano da expressão (como o texto diz). Para que essa interação amplie as possibilidades de compreensão e de apreciação estética, é fundamental a mediação de um leitor experiente que estimule a observação de aspectos do texto que podem passar despercebidos, confronte diferentes interpretações, formule questões desafiadoras. Trata-se de um momento privilegiado para colocar as crianças em contato com textos e autores que, provavelmente, não leriam sozinhas.



Quadro 1. Seleção de obras em relação ao grau de autonomia do leitor e as práticas de leitura

Além de selecionar obras ajustadas ao grau de autonomia das crianças e às práticas de leitura, é importante não perder de vista diferentes modos de ler: leitura extensiva (ou horizontal) ou leitura intensiva (ou vertical).

A *leitura extensiva* se caracteriza pelo ato de ler muitos textos de modo rápido, muitas vezes devorando o livro com grande sofreguidão. Esse modo de ler permite a ampliação de repertório, a formação de uma cultura literária a partir da experiência.

Já a *leitura intensiva* se caracteriza pelo ato de ler e reler textos já conhecidos para que o leitor possa se apropriar de algumas características da linguagem escrita, apreciar o texto com calma.

Que adulto, com experiência de ler para crianças, nunca ouviu um “de novo” ao virar a última página do livro? Essa paixão dos pequenos pela leitura intensiva tem um valor didático inestimável. Permite que, ao se darem conta da estabilidade da escrita, percebam a diferença entre contar uma história e lê-la; permite também que possam recontar a seu modo, oralmente ou por escrito, histórias conhecidas, apropriando-se da linguagem que se usa para escrever.

**Leitura extensiva ou horizontal: ler um número amplo de textos, promovendo a leitura lúdica da obra literária.**

**Leitura intensiva ou vertical: ler, várias vezes, o mesmo texto, visando a uma compreensão de seu funcionamento.**

Quadro 2. Modos de ler

Ao planejar o trabalho com a leitura literária na escola, é possível traçar múltiplos roteiros. As questões e sugestões apresentadas no quadro 3 abrem possibilidades para uma rica e variada experiência de leitura no ambiente escolar, bastando apenas combinar os elementos sugeridos.

Questões norteadoras para o planejamento	Algumas sugestões
<p><b>O que se lê e como vai ser a escolha?</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Obras escolhidas pelo professor.</li> <li>• Obras escolhidas pelas crianças a partir de seleção prévia do(a) professor(a) ou do(a) bibliotecário(a).</li> <li>• Obras escolhidas pelas crianças a partir de critérios propostos pelo(a) professor(a) ou bibliotecário(a) (um livro de determinado gênero, assunto ou autor; um livro de uma mesma coleção ou série etc.).</li> <li>• Escolha livre da criança.</li> </ul>
<p><b>Quem lê para quem?</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura autônoma (leitura silenciosa).</li> <li>• Leitura em duplas.</li> <li>• Leitura em voz alta do(a) professor(a) para a turma.</li> <li>• Leitura compartilhada do(a) professor(a) com a turma.</li> <li>• Leitura em voz alta de um aluno ou alunos para a turma.</li> <li>• Leitura em voz alta de um aluno ou alunos para um auditório de convidados (leitura pública).</li> </ul>
<p><b>Onde se lê?</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Na sala de aula.</li> <li>• Na biblioteca escolar ou sala de leitura.</li> <li>• Em um espaço ao ar livre na escola.</li> <li>• Em espaços públicos da cidade.</li> <li>• Em casa.</li> </ul>

<p><b>Quando se lê?</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Todos os dias (no início ou final do dia, após o intervalo etc.).</li> <li>• Uma vez por semana.</li> <li>• Após a realização das tarefas escolares.</li> </ul>
<p><b>Como se compartilha o que se lê?</b></p>	<p><b>Atividades orais</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Roda de conversa sobre a obra.</li> <li>• Reconto oral.</li> <li>• Dicas de leitura.</li> <li>• Entrevista simulada com personagens da obra.</li> <li>• Entrevista com outros leitores da obra.</li> <li>• Leitura dramática.</li> <li>• Encenação baseada no enredo da obra.</li> </ul> <p><b>Atividades escritas</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Cartaz de apreciação.</li> <li>• Diário de leitura.</li> <li>• <i>Blog</i> literário.</li> <li>• Resenha.</li> <li>• Produção de texto (reconto, decalque, autoria).</li> </ul>

Quadro 3. Orientações para o planejamento do trabalho com a leitura literária na escola

Compreendendo método como um conjunto de procedimentos que organiza o trabalho pedagógico, respostas a essas perguntas trazem implícitas decisões metodológicas sobre o ensino da literatura no ambiente escolar e revelam o conhecimento que o(a) professor(a) tem sobre os processos de aprendizagem das crianças em relação às práticas de leitura. Se resultado de uma ação coletiva dos educadores, essas escolhas permitem transformar a escola em uma verdadeira comunidade de leitores.



© Valdeck de Garamhuns e Regina Drozina



# PROPOSTAS DE ATIVIDADES

## Pré-leitura

As atividades sugeridas nesta seção favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão da obra, além de provocarem o desejo de ler o livro com o propósito de verificar se as expectativas de leitura se confirmam ou não.

01. Informe à turma o título do livro: *Minhas rimas de cordel*. Pergunte às crianças o que elas sabem a respeito da literatura de cordel. Verifique se já leram algum folheto ou mesmo cordel em outro suporte. Será que associam a palavra “rimas” que compõe o título ao fato de o uso de rimas ser uma das características desse gênero poético?
02. Se possível, assista com as crianças a uma miniaula que o autor do livro, César Obeid, deu a respeito do assunto. Disponível em: <http://mod.lk/cesarob>.
03. Convide as crianças a observar a ilustração da capa. O que a cena representada sugere? Veja se notam que há uma personagem no plano superior que parece estar em um palco dirigindo-se a uma plateia, representada pelas personagens na parte inferior da imagem. Peça que interpretem o gesto da personagem em primeiro plano. Provavelmente, não terão dificuldades em associar a imagem a um cordelista (autor de literatura de cordel) ou um folheteiro (vendedor de folhetos) recitando poemas de cordel.
04. Informe à turma que a técnica usada para produzir essa ilustração se chama xilogravura. Segmente a palavra em seus constituintes: xilo + gravura e explique que o pedacinho “xilo” vem do grego e quer dizer madeira. Então o que será que quer dizer xilogravura? Assista com a turma a um vídeo em que os irmãos Erick, 7 anos, e Pedro, 12 anos, explicam como fazem xilogravura, a mesma arte do <http://mod.lk/ppzmh>.

05. Em seguida, deixe que as crianças folheiem o livro para apreciar as xilogravuras que o ilustram.

06. Chame atenção para o título do texto da quarta capa - *A cultura popular contada em versos de cordel!* Antecipe que no parágrafo inicial há quatro exemplos de manifestações da “cultura popular”. Será que conseguem identificar quais são?

07. Se achar oportuno ampliar a reflexão a respeito de cultura popular, assista com os alunos a uma aula em que o próprio César Obeid explica o conceito. Disponível em: <http://mod.lk/litcord>.

08. Para os alunos conhecerem mais a respeito da trajetória de César Obeid, programe um momento para navegarem pela página que o escritor mantém na Internet: <https://www.cesarobeid.com.br/>.

09. Leia para as crianças a dedicatória do livro: *Dedico este livro a todos que ouviram minhas histórias e improvisos ao longo do tempo*. Explique que dedicatória é um pequeno texto em que um escritor faz uma homenagem a alguém. Veja se notam a presença do verbo “ouvir” e não “ler”. Caso tenham prestado atenção à aula de César Obeid, não terão dificuldade em associar o cordel a uma manifestação cultural que ganha vigor com a *performance*, com a leitura em voz alta ou com a recitação dos poemas.

10. Em seguida, leia para a turma a epígrafe do livro:

*O leitor vira ouvinte  
O escritor, menestrel  
O ouvido vira voz  
Nesse eterno carrossel  
Apresento nesta hora  
Com carinho e sem demora  
Minhas rimas de cordel.*

Escreva, na lousa, a palavra “epígrafe”, segmentando-a em seus constituintes: epi+grafe. Explique que o primeiro pedacinho (um prefixo grego) quer dizer “em cima”; o segundo pedacinho quer dizer inscrição, registro escrito. Epígrafe, assim, é uma frase curta que se coloca no início de um livro, um capítulo, um poema etc. Ela serve para sugerir o assunto ou para motivar a leitura da obra.

- Por que o leitor vira ouvinte?
- Por que o escritor vira menestrel? (Menestrel? Antes que alguém pergunte, explique que a palavra se refere a quem divulga, cantando ou declamando, poemas e canções, sejam próprios ou alheios.)

11. Peça às crianças que localizem o sumário do livro. Explique que o sumário é uma lista dos capítulos do livro, organizados na ordem em que aparecem. Leia os títulos e veja se os alunos identificam as quatro manifestações citadas no texto da quarta capa: ditado popular, superstição ou crença, “o que é o que é?” (adivinhas) e contos populares (histórias). Que outra manifestação de cultura popular compõe um capítulo do livro e não foi antecipada no texto da quarta capa? Trava-línguas, claro!

## Leitura

As atividades propostas estimulam o leitor a confirmar ou reformular suas antecipações a respeito do conteúdo, além de apoiá-lo na construção dos sentidos do texto.

- 01.** Retome com as crianças que os versos de cordel do livro que vão ler exploram alguns elementos da cultura popular: provérbios, crendices, trava-línguas, adivinhas e contos populares. Peça que coletem exemplos de textos desses gêneros e os tragam para compartilhar com a classe. Organize uma pasta para reunir o material reunido.
  
- 02.** Sendo o cordel uma forma de literatura de origem oral, cujos versos são feitos para ser declamados ou cantados, é interessante realizar a leitura do livro em voz alta.
  - a.** Presenteie a classe com uma leitura bem expressiva dos “Versos de abertura” (p. 8). Além de permitir que as crianças tenham acesso a um bom modelo de leitura em voz alta, será uma forma também de retomar o que é cordel... em cordel.
  - b.** Para a leitura dos capítulos, uma possibilidade é dividir as sextilhas entre as crianças, marcando uma data para a leitura:
    - Para os capítulos “Ditados populares, Superstições e crendices” destine uma sextilha para cada criança;
    - Para o capítulo “Desafio do trava-línguas”, selecione duas crianças: uma para ler as falas do poeta 1 e outra para ler as do poeta 2;
    - Para o capítulo “Adivinhas”, divida a turma em duplas: uma criança lê a pergunta e a outra a resposta;
    - Para os capítulos “A velhota fofoqueira” e “O casal mais muquirana do mundo”, divida a turma em grupos de quatro a cinco componentes e deixe que organizem a divisão das estrofes entre eles.
  - c.** Para concluir essa etapa, apresente a leitura de “Despedida”.
  
- 03.** Durante a leitura dos capítulos, é possível propor algumas orientações específicas em função das características das diferentes manifestações culturais.



CAPÍTULO	ATIVIDADE PROPOSTA
<p><b>Ditados populares</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Antes de solicitar a leitura do capítulo, explique às crianças o que são “ditos populares”: Ditados populares, também chamados de provérbios, são frases curtas que transmitem ensinamentos retirados de experiências de vida. Por essa razão, são ricos em imagens que se referem a acontecimentos cotidianos, aplicáveis a diversas situações do dia a dia. As frases, ricas em ritmo e rimas, são de fácil memorização.</li> <li>• Após a leitura de cada sextilha, peça às crianças que identifiquem o ditado popular. Por exemplo, na primeira é “Água mole em pedra dura / Tanto bate até que fura”.</li> <li>• Como, em geral, os ditados populares fazem uso de uma linguagem figurada, peça às crianças que tentem explicar o que eles querem dizer. Nesse caso, água significa a perseverança que vence todas as dificuldades – as pedras duras.</li> <li>• Chame atenção ao fato de que, em alguns casos, por razões métricas, o texto do provérbio sofre algumas alterações. Por exemplo, na segunda sextilha: “Que a alegria de um pobre / Sempre dura muito pouco”. Pergunte se alguém conhece a versão original. Caso não conheçam, informe que é “Alegria de pobre dura pouco”. As crianças podem registrar as versões originais no caderno.</li> <li>• Em geral, em cada estrofe, há um dito popular, mas em algumas aparecem dois ou três. Ajude a turma a localizar os vários provérbios que ocorrem em estrofes em que não está explicitado o número exato, como na primeira e na terceira estrofe da página 27.</li> <li>• Depois de terem conhecido tantos provérbios, veja se conseguem descobrir qual foi o escolhido para ser ilustrado na abertura do capítulo. Será que se lembram de “Cavalo dado não se olha os dentes”? Que elementos há na ilustração que remetem a ele?</li> <li>• Veja se percebem que apenas na última sextilha não há nenhum provérbio. Por que será? Será que conseguem se dar conta de que é uma provocação ao leitor, funcionando como uma conclusão do poema?</li> </ul>

### Superstições e crendices

- Antes de solicitar a leitura do capítulo, explique às crianças que crendices ou superstições são crenças sem fundamento racional e lógico, normalmente com base em situações recorrentes ou coincidências eventuais. Essas crenças acabam fazendo com que a pessoa crie certas regras ilógicas, tenha medo de coisas inofensivas ou acredite em coisas sem fundamento.
- Pergunte às crianças quais das crendices citadas no poema elas conhecem.
- Proponha um desafio. Que superstição ou crendice está representada na página de abertura do capítulo? Adiante que essa é uma pergunta difícil, porque não há referência no texto à crendice representada na xilogravura.
- Será que sabem que muita gente acredita que só por cruzar com um gato preto terá azar? Comente que o gato preto nada mais é do que um lindo *pet* que não levará nada mais do que amor e muita alegria para qualquer lar.

### Desafio do trava-línguas

- Antes de solicitar a leitura do capítulo, pergunte às crianças o que são “trava-línguas”. É provável que tenham vários exemplos para apresentar, mas definir não é tão simples. Explique, então, que o trava-língua é uma brincadeira verbal na qual ocorre tanto a repetição de palavras parecidas, como a repetição insistente de sons (as aliterações), o que provoca dificuldades para sua enunciação: quem tenta falar depressa, corre o risco de enrolar a língua.
- Não deixe de lado a palavra “desafio” que aparece no título do capítulo.  
Desafio é uma modalidade poética em que ocorre uma disputa entre dois poetas. No caso, a disputa é entre o poeta 1 e o poeta 2. Pergunte: Segundo as regras combinadas pelos dois poetas, quem vence esse desafio?  
Veja se prestaram atenção aos versos da segunda sextilha:  
*Se um de nós travar a língua*  
*O outro vence o desafio.*
- Nesse capítulo, além da xilogravura de abertura, há outras imagens ao longo do texto. Como elas se relacionam com o poema? Estimule as crianças a estabelecer essas conexões.

## Adivinhas

- Antes de solicitar a leitura do capítulo, explique às crianças que a adivinha envolve uma charada a ser decifrada. O texto contém muitas analogias, exigindo que o leitor desvende o que está escondido nas comparações e metáforas. Algumas são introduzidas pelo mote “O que é? O que é?”; outras assumem a forma de uma quadrinha rimada que facilita a memorização.
- Peça às crianças que observem a ilustração de abertura do capítulo e pergunte:
  - Por que está escrito na imagem “O que é o que é?” (Essa é bem fácil!)
  - O que essa cena representa? O que faz a personagem que está com o livro? E a personagem com a mão no queixo? E a que está com o braço levantado? (Provavelmente, não terão dificuldade em associar a uma situação comunicativa em que a personagem que está com o livro lê uma adivinha, a que está com a mão no queixo tenta adivinhar a resposta e, por fim, a que está com o dedo levantado se oferece para dizer a resposta.)
- Como em uma estrofe se apresenta a charada e na seguinte a resposta, sugira que tentem decifrar as charadas antes da leitura da resposta.
- Chame atenção à formatação do texto. Veja se as crianças notam que a estrofe com a resposta da adivinha, além de estar recuada da margem esquerda, está em itálico.



© Valdeck de Garamhuns e Regina Drozina

<p><b>A velhota fofoqueira</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Informe às crianças que os dois últimos capítulos contêm dois contos adaptados para a literatura de cordel. Explique que o conto é a narração de uma única história com começo, meio e fim. A ação narrada, que tem origem em um único conflito, concentra-se em um mesmo espaço e transcorre em um tempo reduzido.</li> <li>• Peça às crianças que observem a ilustração de abertura do capítulo. Como os ilustradores fizeram para deixar claro ao leitor quem é a velhota fofoqueira?</li> <li>• Em seguida, pergunte às crianças: <ul style="list-style-type: none"> <li>■ Quais são as personagens desse conto?</li> <li>■ Qual é o conflito envolvido?</li> <li>■ Qual é o desfecho da história?</li> </ul> </li> <li>• Esse é um conto de humor. Que partes as crianças acharam mais divertidas?</li> </ul>
<p><b>O casal mais muquirana do mundo</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pergunte às crianças: <ul style="list-style-type: none"> <li>■ Quais são as personagens desse conto?</li> <li>■ Qual é o conflito envolvido?</li> <li>■ Qual é o desfecho da história?</li> </ul> </li> <li>• Peça às crianças que observem a ilustração de abertura do capítulo. Que cena do conto está representada na imagem?</li> <li>• Esse é um conto de humor. Que partes as crianças acharam mais divertidas?</li> </ul>

04. Na capa do livro, encontramos um poeta declamando seus versos a uma plateia. Essa imagem está de acordo com a maneira pela qual o autor se dirige ao leitor, com palavras como “ouvintes”, “meu povo”, “pessoal”, demonstrando que a literatura de cordel é criada para

ser falada. Peça às crianças que identifiquem, no texto, os momentos em que o autor se dirige diretamente aos leitores e verifiquem se esses momentos nos remetem mais a um contador de histórias se dirigindo a seu público ou a um escritor se dirigindo a seus leitores.

## Pós-leitura

São propostas atividades para promover a compreensão da obra, o diálogo entre os leitores, entre a obra e outros textos, e entre outras linguagens; propostas inspiradas no trabalho do autor ou do ilustrador, além de atividades de alfabetização.

**01.** Antes de abrir a rodada de atividades cuja finalidade é permitir a discussão dos sentidos do texto e o aprofundamento dos temas suscitados pela leitura deste livro, assista com as crianças ao vídeo complementar a esse material. Certamente, ficarão motivados para expressar seus pontos de vista e ouvir os dos colegas, afinal o olhar dos outros sempre sugere novas possibilidades interpretativas.

**02.** Retome o poema “Versos de abertura” em que César Obeid explica poeticamente o que é cordel.

**a.** Peça aos alunos que observem as estrofes do texto e verifiquem se o número de versos se modifica de uma estrofe para a outra.

**b.** Peça também que verifiquem quais são os versos que rimam em uma mesma estrofe. E a posição das rimas, muda de uma estrofe para a outra?

**03.** Chame a atenção dos alunos para o ritmo fluente do cordel. Diga-lhes que isso acontece porque os poemas possuem uma *métrica* e que cada um dos versos tem sete sílabas poéticas. Explique-lhes que a divisão de sílabas, no cordel, não corresponde à que estão acostumados, já que ela está muito mais ligada à sonoridade das palavras. Analise alguns versos do texto para mostrar como essa divisão funciona, explicando que, em alguns casos, duas sílabas podem se juntar em uma (“mi’a” em vez de “minha”) e que depois da sílaba tônica da última palavra do verso não se contam mais as sílabas. Após a explicação, deixe que realizem o “teste”, verificando se é verdade que todos os versos da primeira estrofe dos *Versos de abertura* têm mesmo sete sílabas.

Pra/ fa/lar/ so/bre o/ cor/del

Um/ cor/del/ eu/ vou/ ar/mar

É/ li/te/ra/tu/ra es/cri/ta

Mas/ pra/ gen/te/ de/cia/mar

U/ma/ ar/te/ que /per/ten/ce

À/cul/tu/ra/ po/pu/lar.

04. Pode ser interessante trazer uma poesia com uma métrica diferente para apresentar aos alunos. Um poema da literatura erudita, em versos decassílabos (os cordelistas também os utilizam) ou dodecassílabos, e um poema mais moderno, em versos livres. Qual o efeito que cada um dos tipos de métrica produz? Por que será que o verso de sete sílabas é mais utilizado na cultura popular?

05. Para aprofundar os estudos sobre literatura de cordel, é possível realizar uma pesquisa sobre o assunto. Qual é a sua região de origem? (Informe que o cordel é uma manifestação de origem sertaneja, ou seja, a maior parte dos poetas é nascida no sertão. Fale também sobre o processo migratório e diga que há cordel sendo produzido em praticamente toda grande cidade do país e que São Paulo é o maior polo de cordel fora do Nordeste.) Qual é a origem do nome cordel? Quais são os temas e personagens mais recorrentes? Quais são os principais autores do gênero? (Não se esqueça de incluir os contemporâneos e confirmar que a manifestação permanece viva até hoje.) As crianças encontrarão muitas informações em: <http://www.ablc.com.br/>.

06. Agora é a vez de os próprios alunos testarem seu talento como autores de literatura de cordel. Para facilitar, podemos trabalhar a partir de um exercício proposto pelo autor César Obeid, chamado XAXAXA.

O XAXAXA é o esquema das palavras que rimam e não rimam dentro da sextilha, sendo X os versos livres e A os versos com rimas.

1 \_\_\_\_X

2 \_\_\_\_A

3 \_\_\_\_X

4 \_\_\_\_A

5 \_\_\_\_X

6 \_\_\_\_A

Deixe que os alunos sugiram o tema, mas peça que escolham uma palavra que simbolize bem esse tema e que não seja muito difícil de rimar. Essa palavra deve ser colocada no último verso, pois a estrofe de cordel guarda o seu maior sentido na última linha. Depois, peça que pensem em outras palavras que rimem com a palavra escolhida e, entre elas, escolham duas para colocar no final dos dois outros versos com rima, o segundo e o quarto.

Exemplo:

1 \_\_\_\_X

2 \_\_\_\_flor A

3 \_\_\_\_X

4 \_\_\_\_dor A

5 \_\_\_\_X

6 \_\_\_\_amor A

Agora é só metrificar, construindo versos de sete sílabas, e mantendo as rimas. Exemplo:

1 Eu te dou um chocolate X

2 Um beijinho e uma flor A

3 É que junto de você X

4 Eu não sei o que é dor A

5 Só resta então dizer X

6 Eu te amo, meu amor. A

Informe aos alunos que as rimas utilizadas pelo autor, como também pela maior parte dos cordelistas, são todas rimas perfeitas, isto é, a rima, dentro de uma palavra, começa sempre na vogal da sílaba tônica e vai até o final.

07. Releia para a turma a sextilha final do capítulo 1 – “Ditados populares”:

*E vocês, caros ouvintes*

*Lembram-se de outro ditado?*

*Então o coloquem em verso*

*Mas que seja bem-rimado*

*Sejam brincalhões também*

*Desse cordel encantado.*

Há aí uma provocação ao leitor. Retome a lista de provérbios colecionados pelos estudantes ao longo da leitura. Quais são diferentes dos citados no poema?

Organize-os em duplas para que criem ao menos uma sextilha para um ou mais provérbios.

08. Retome as crendices e superstições reunidas pela turma. Há outras diferentes das que aparecem no livro? Ainda em duplas, proponha que tentem criar uma sextilha que explore a crendice de que cruzar com gato preto dá azar. Se preferirem, podem usar como mote uma superstição diferente das que se encontram no livro.

09. Proceda da mesma maneira com os trava-línguas.

10. Com as adivinhas reunidas, o desafio torna-se mais complexo: é preciso

criar duas sextilhas – a da charada e a da resposta.

11. O folheto de cordel quase sempre vem acompanhado de xilogravuras. Peça aos alunos que pesquisem imagens e os ajude a organizar um mural. Que tal as crianças criarem, elas mesmas, xilogravuras, ou melhor, “isogravuras” para ilustrar as suas estrofes de cordel?

Do que vocês vão precisar:

- Bandejas de isopor (aquelas que vêm com alimentos no supermercado)
- Folhas de papel
- Rolo de pintura pequeno
- Lápis preto ou caneta
- Tesoura sem ponta
- Tinta guache preta

1. Recorte as bordas da bandeja, pois só será usada a parte plana. As que não têm abas dispensam essa etapa.
2. Peça às crianças que desenhem no isopor, forçando o lápis até afundar a superfície, tomando cuidado para não perfurar.
3. Concluída a produção do desenho, passe o rolinho com tinta na placa de isopor, cobrindo bem toda a superfície.
4. Com muito cuidado, coloque a folha de papel sobre o isopor, fazendo pressão para transferir o desenho.
5. Retire a folha com cuidado para não borrar o desenho. Aguarde secar e está pronto!

12. A história da velhota fofqueira, muito divertida, merece uma leitura dramática, já que possui muitos diálogos. Pergunte quem gostaria de fazer essa leitura, em grupo. O grupo que ficar responsável por essa história poderá eleger uma pessoa para fazer o papel da velhota, outra para o papel do marido e outras para o papel dos narradores. Se possível, peça que tragam (ou confeccionem) figurinos e outros objetos para a cena. O importante é deixar a criatividade solta.
13. Proceda da mesma maneira com a história “O casal mais muquirana do mundo”.
14. Avalie a possibilidade de apresentar a leitura dramática dos dois contos para outras turmas da escola.
15. Assista com a turma à interpretação da história “A velhota fofqueira” pelo próprio César Obeid. Disponível em: <http://mod.lk/avelhota>.
16. Como forma de finalizar essa sequência de atividades, pode ser interessante realizar a leitura compartilhada do paratexto no final do livro. Sintetizar as reflexões produzidas permite consolidar as aprendizagens sobre o autor, o livro, além de reconhecer as características que vinculam o texto a um gênero específico.



© Valdeck de Garamhuns e Regina Drozina



## DICAS DE LEITURA

### Que tal ler mais livros do mesmo autor?

- *Aquecimento global não dá rima com legal*. São Paulo: Moderna.
- *Brincantes poemas*. São Paulo: Moderna.
- *Desafios de cordel*. São Paulo: FTD.
- *Para ler, ver e ouvir: Histórias indianas do Pantchatantra*. São Paulo: Moderna.
- *Rimas animais*. São Paulo: Moderna.
- *Rimas juninas*. São Paulo: Moderna.

### Que tal ler mais sobre o mesmo gênero?

- *Antologia de Folhetos de Cordel: amor, história e luta*, de Márcia Abreu (Org.). São Paulo: Moderna.
- *Cordel*, de Severino José. São Paulo: Hedra.
- *Cordel*, de Patativa do Assaré. São Paulo: Hedra.
- *Três histórias pantaneiras*, de Fábio Sombra. São Paulo: Moderna.
- *A pedra do meio-dia ou Artur e Isadora: literatura de cordel*, de Bráulio Tavares. São Paulo: Editora 34.
- *O flautista misterioso e os ratos de Hamelin: literatura de cordel*, de Bráulio Tavares. São Paulo: Editora 34.



# LER EM FAMÍLIA

© Valdeck de Garanhuns e Regina Drozina

# 7

razões para ler com as crianças

A experiência com a leitura literária não acontece apenas na escola. É importante que os educadores procurem sensibilizar as famílias para a importância dos livros de literatura no desenvolvimento intelectual e afetivo das crianças.

Para apoiá-las nessa tarefa tão importante, compartilhe estas dicas:

# 1

Escutar histórias lidas em voz alta e conversar sobre livros desenvolve a inteligência e a imaginação.

# 2

Os livros enriquecem o vocabulário e o domínio de estruturas linguísticas próprias da língua escrita.

# 3

As imagens, informações e ideias dos livros ampliam o conhecimento de mundo.

# 4

Quem tem o hábito de ler conhece melhor a si próprio e compreende melhor os outros.

# 5

Ler de forma compartilhada é divertido e reforça o prazer do convívio.

# 6

Os vínculos afetivos entre as crianças e os adultos que leem para elas são mais profundos.

# 7

A leitura deixa as crianças mais tranquilas, ajuda-as a conquistar autoconfiança e poder de decisão.

**Conheça o depoimento de  
Márcio Castro, ator, historiador e pai,  
ao ler para seu filho *Minhas rimas de cordel*.**

Nossos filhos estão acostumados a entrar em contato com a literatura sempre mediados pelas múltiplas cores e ilustrações dos livros. Mas como se realiza essa interação num livro que apresenta a arte de maior abrangência do cordel, a xilogravura, caracterizada essencialmente pelo preto e branco?

Confesso que fiquei apreensivo em apresentar ao Arthur o livro *Minhas rimas de cordel* e ele se mostrar desinteressado, mas aconteceu justamente o contrário: através da imagem, a princípio rústica das xilogravuras, sua curiosidade se aguçou. Curiosidade essa que se estendeu por todo o livro, fazendo da leitura um grande evento divertido por toda a semana!

Primeiro com as próprias xilos que ilustram o livro. Antes mesmo de começar a ler, entramos em contato com a breve, mas potente resenha da arte do cordel feita pelo autor. A partir dela, pesquisamos mais na internet o que era a xilogravura e aprendemos o quanto essa arte é importante para a cultura popular brasileira. Arthur se lembrou de já ter visto esses desenhos nas aulas da escola: coincidentemente, na mesma semana que realizamos a leitura, a professora havia lhe enviado como atividade um texto de cordel que falava da necessidade de prevenir doenças por meio da higiene. Então, para minha surpresa, percebi que a literatura de cordel apresentada por César Obeid estava mais que presente na vida de meu filho e de uma forma que eu não imaginava!

O caminho para a leitura prazerosa então estava aberto. O livro reúne vários poemas e, em cada um deles, uma nova experiência é apresentada. Nos “Ditados populares”, “Superstições e crendices”, a maior diversão foi aprender palavras e expressões que Arthur não conhecia, como o divertido ditado popular “em casa de ferreiro todo espeto é de pau”. Ao entender e analisar esse ditado, e tantos

outros, a diversão foi acessar um universo de conhecimento geralmente desconhecido pelos mais jovens em relação às pessoas mais velhas, que em parte exercitaram o conhecimento de sua vida pela via da oralidade. Arthur também aprendeu palavras novas, como “agouro”, fruto da relação entre a cultura erudita e popular. Lembro-me, inclusive, de ter lido essa palavra pela primeira vez na *Odisseia*, de Homero.

Brincar com o “desafio do travas-línguas” e as “adivinhas” foi bem interessante, porque algumas delas o Arthur já conhecia, assim como revisitar o conhecimento e celebrá-lo como um rito. Aqui também é impressionante a presença do corpo em nossa leitura. E mesmo a ideia do desafio traz o movimento que não canso de apontar o quanto é bom!

As histórias ao fim do livro (“A velhota fofoqueira” e “O casal mais muquirana do mundo”) são como se fossem um passo além daqueles primeiros conhecimentos: será que com esses formatos de linguagem conseguimos montar uma história além das pequenas estrofes? Arthur, que já está alfabetizado, leu intercalado comigo: um verso ele, e outro eu, e seguimos como se estivéssemos cantando. Assim, o ato de ler essas histórias – bem como as anteriores já apontadas – foi feito num lugar diferente do que estamos acostumados a fazer. Nossas leituras, na maioria das vezes, acontecem ao fim do dia, na cama, depois de escovar os dentes, já preparados para dormir, uma forma de acalmar o coração e as ideias. Mas para esse livro o ritual foi diferente: Arthur ia pro quarto, empolgado, quase pulando, porque o livro lhe trazia movimento ao corpo.

Ao terminar de ler, descobrimos que conhecíamos o autor: já havíamos lido outro livro dele: *O cachorro do menino*. Ao perceber a relação, ficamos muito felizes. Descoberta incrível!

(Todos os *links* de páginas da internet presentes neste material foram acessados em 30 ago. 2021)